

REVISTA
DO
Instituto Historico e Geographico

DO
Rio Grande do Norte

Fundado em 29 de Março de 1902

VOLUME XI—XII—XIII

1913 a 1915

*Procura...
resuscitar tambem
as memorias da patria
da indigna obscurida-
de em que jaziam
até agora.*

ALEXANDRE DE GUSMÃO.



ATELIER TYPOGRAPHICO
M. VICTORINO & C.
Rua 21 de Março e P. João Maria
NATAL—1916—BRAZIL.

DIRECTORIA DO INSTITUTO

ANNO SOCIAL DE 1915 A 1916

PRESIDENTE

Desembargador Vicente Simões Pereira de Lemos

VICE-PRESIDENTES

- 1.º Desembargador Luiz Manuel Fernandes Sobrinho
- 2.º Coronel Pedro Soares de Araujo

SECRETARIOS

- 1.º Dr. Luiz Tavares de Lyra
- 2.º Dr. Nestor dos Santos Lima

SUPPLENTES DO 2.º SECRETARIO

Conego Estevam José Dantas e Padre José de Calazans Pinheiro

ORADOR

Dr. Francisco Pinto de Abreu

ADJUNTO DO ORADOR

Dr. Sebastião Fernandes de Oliveira

THESOUREIRO

Desembargador João Dionysio Filgueira

COMISSÃO DE ORÇAMENTO

Desembargador Hemeterio Fernandes Raposo de Mello
Coronel Manuel Lins Caldas
Professor Joaquim Lourival Soares da Camara

COMISSÃO DE REDACÇÃO DA «REVISTA»

Desembargador Luiz Manuel Fernandes Sobrinho
Dr. Antonio Soares de Araujo
Dr. Nestor dos Santos Lima

PEDRO SOARES DE ARAUJO
NATAL
RIO GRANDE DO NORTE



A Matriz de Natal

Conferencia historica realisada no dia 25 de Dezembro de 1909
commemorando o 310º anniversario da sua fundação (1)

EXCELLENCIAS.
SENHORES.

JUSTIFICAÇÃO.—Antes de mais nada, é necessario que eu justifique, como aquelle poderoso Lescaro, Doge de Venesa quando no Palacio de Versaille's, a minha presença neste logar e a razão de ser desta festa.

(1) Este trabalho, apresentado ao Instituto Historico e Geographico serviu de titulo para ingresso do auctor no seio dessa corporação, em vista do parecer infra approved em sessão de 16 de janeiro de 1910 : «Parecer : A Matriz de Natal, conferencia realisada a 25 de dezembro ultimo, nesta capital, pelo doutor Nestor dos Santos Lima—nome bastante conhecido no nosso meio litterario—parece nos de incontestavel merecimento, quer como producção litteraria, quer como estudo historico. Escripta com uma vivacidade e elegancia de estylo, que ainda mais realçam o talento e a applicação do auctor, dando á aridez

Um tamanho arrojo é só devido ao muito amor que voto á minha terra, de parelha com os estímulos insistentes mas fidalgos do meu dilecto amigo, o desembargador Vicente de Lemos, *alma mater* do Instituto Historico, a quem desde já penhóro, pelos inestimaveis subsidios, o meu reconhecimento e respeitos sinceros.

FUNCÇÃO DA HISTORIA.—Cabe á Historia, como um dos processos de aquisição dos conhecimentos, occupar-se dos conhecimentos que interessam menos aos individuos que ás collectividades.

Mestra da vida, como diria Cícero, ella, entretanto, merece desvelladas attensões, especialmente de quem, num passado mais ou menos remoto, tem as raizes profundas de seus crenças, dos seus idees e dos seus costumes, trazidos no estuario das tradições até a idade presente.

“do assumpto o encanto e o interesse de uma aprazivel e evocadora excursão ao passado longinquo da nossa terra através suas paginas primorosas, ella nos aponta no talentoso patricio uma vigorosa esperanza para esta Instituição. Ainda que nella, como em toda e qualquer investigação historica, por isso mesmo que jamais pode a Historia libertar-se da tradição e da lenda, possam encontrar, por ventura, os eruditos os lacunas subteis que aos nossos olhos poderam escapar, julgamos o presente trabalho, pela base documental em que firma o Doutor N. dos Santos Lima as suas conclusões, um titulo valioso e limpo para seu ingresso neste Instituto. Comtudo fica sujeito á opinião do Instituto este parecer. Natal, 14 de janeiro de 1910. (assignado) Sebastião Fernandes de Oliveira (relator). Manoel Dantas. Luiz Fernandes.”

A vida na humanidade só nos parece uma immensa cadeia : a epoca mais afastada prende-se, atravez da continuidade historica, á actualidade mais recente. O que somos diz-nol-o o passado. Que seremos ? revela-nos o presente.

Portanto, si a Historia é essa resurreição de que falava Michelet, tentemos, nós os moços, resurgir do passado os fastos gloriosos e os dias de dôr ; rebusquemos os seus arcanos, para ao menos entreconhecer a famosa epopéa do selvicóla pouco a pouco jungido á civilisação e a ella servindo na paz, como na guerra, com um grande e fiel devotamento ; procuremos indagar como se desdobrou a actividade dos colonisadores em busca do âmago da nova terra, aonde ia forjar-se, da fusão do aborigene, do africano e do reinól, esse vigoroso "cerne da nossa nacionalidade", no dizer castiço de Euclides da Cunha, revolvamos o pó dos archivos, decifrando os documentos que ainda se poderam salvar da indifferença dos homens de governo e percorramos um a um, os varios estádios da nossa existencia, para afinal affirmarmos aos nossos irmãos da grande Patria que se reclina sob a luccillação do Cruzeiro do Sul, o valor tradicional e historico desta nesga de terra, cujos filhos influiram não raro nos magestosos feitos que engrinaldam a Nação Brasileira.

SAUDAÇÃO ÀS SENHORAS.— Os vossos in-

contaveis attractivos, minhas senhoras, povoam este ambiente e esparzem sobre nós um pollen doirado e subtil ; a vossa presença no festim espiritual de hoje, sobre significar um applauso á commemoração, tem, como já se disse algures, «a aļacridade cantante de uma braçada de rosas». (2)

Certo, o desalento vos tocara no enredo complicado das chronicas vetustas. Bem que eu deseјára amenisal-as. Desculpai-m'õ, porém, eu vos implõro, porque ellas nos mostram as phases evolutivas do aggregado social que somos, desde a colonia até os dias fluentes.

E feliz eu me sentirei, si, ao terminar, receber, na caricia dos applausos nunca lisongeiros, a segurança dos sentimentos das filhas de Clara Camarão, que conservam no ímo dos corações a mesma chamma de civismo com que têm illuminado os fastos immortaes da nossa Patria.

ASSUMPTO ESCOLHIDO.—E' que o objecto da nossa palestra é simples e é suggestivo.

Quanto de mim ides ouvir, menos historia do que simples chronica, é a narrativa desgraciosa, mas, veridica de factos remotos, toucando-se no vivo das tradições para retratar a existencia simples dos primitivos habitantes destas paragens estremecidas.

(2) Dr. H. Balbi, Discurso da formatura, Recife, 1902

Outros intuitos jamais me animaram, se não o de ler algumas paginas sobre epochas que muitos, quase todos ignoram : não pretendo, entretanto, exaltar as façanhas dos nossos maiores, nem debuchar nestas notas todas as grandes epopeas nacionaes.

Falar-vos-ei da MATRIZ DE NATAL ; procurarei as suas origens, atravez de trezentos annos e estabelecerei as phases que ella tem experimentado até a hora presente.

Cumpre-me, desde já declarar, porem, que no correr da minha palestra, nada affirmarei do merecimento do culto que ali se professa, visto como meu interesse unicamente versa sobre o aspecto historico, documentado ou tradicional desse edificio, que será no futuro, como agora, e attestado da simplicidade das eras volvidas.

Paraphraseando o sabio Pasteur, que ao penetrar no seu laboratorio, deixava sempre do lado de fóra, *madame la natière et monsieur l'esprit*, assim tambem o humilde palrador que a vossa bondade escuta, concentra no fóro intimo as suas idéas religiosas, afim de não perturbar sequer a serena mansidão deste ambiente espirital.

Pena, é, porém, que a vossa captivante expectativa não corresponda a phrase incolor do chronista, baldo de elegancia e de estylo, para rendilhar, na forma sonora e tersa, o perfil modesto do principal Templo Catholico de Natal.

RAZÃO DA DATA.—Si aqui venho falar a 25 de dezembro, não o é sem motivos ponderados.

Para firmar o que, antes de desenvolver o assumpto que è o fulcro do nosso entretenimento, consenti que eu trace um rapido bosquejo da conquista e fundação deste torrão querido, longe do qual parte-se-nos o coração e nos empolga uma exquisita doença : a saudade.

Havia quase um decennio que as caravellas do celebre Genovez tinham cortado as aguas do Atlantico, quando a frota destemida do Rei Venturoso, num surto de casual felicidade, desvendou «a perola do Novo Mundo» e Pedro Alvares Cabral desfraldou no sólo descoberto a flammula do seu paiz, por sobre o symbolo da Redempção, ali plantado como para estreitar num amplexo toda a enorme extensão da nova possessão.*

Naquelle aureo periodo das descobertas, o monarcha portuguez, no auge da gloria, não conseguiu lobrigar, de alem dos mares, a grandesa que seculos depois havia de esplender nestas paragens e, apenas, para assegurar a posse do regio presente de Cabral, armou duas expedições exploradoras, de que foi principal a de André Gonçalves.

Partindo de Lisbôa, no mez de maio de 1501, rumo do sudoeste, esta expedição descobriu em 16 de agosto o Cabo de São Roque ; a 29 do mesmo mez o cabo de Santo Agostinho ; a 4 de outubro, o rio São Francisco ; a 1 de novembro a Bahia de Todos os

Santos ; a 21 de dezembro o cabo de São Thomé ; a 1 de janeiro o rio de Janeiro ; a 6, a Angra dos Reis ; a 20, a ilha de S. Sebastião e a 22, o porto de São Vicente (3).

«Durante não poucos annos, deixou Portugal em esquecimento o Brazil, limitando-se as explorações ás duas referidas ; mas, nem por isso a nova terra foi menos visitada do que poderia ter sido, porque os navios que viajavam para as Indias, nella tocavam de passagem e ainda mais porque a abundancia da preciosa madeira, chamada do *Brazil*, que se achou em suas florestas, excitou a cobiça de muitos armadores, especialmente francezes que se apressaram a vir fazer o contrabando desse thesouro vegetal». (4)

Porqueurgia colonisar a terra descoberta, aprouve a El Rei, Dom João 3^o, em 1534, dividil-a em extensas capitánias hereditarias, das quaes, todavia, não conseguiu os desejados fructos.

Repartindo o territorio brasileiro por doze donotarios, conbe o que è hoje o Rio Grande do Norte, a João de Barros, celebre historiadore antigo feitor da casa real da Índia.

Afim de tomar posse e explorar a sua doação de cincoenta legoas pos costa, a começar da «Bahia da Trahição» (5), o felisardo reinól armou com Fernão Alvares de Andrade, thesoureiro mór do reino, uma frota de dez

(3) Capistrano de Abreu—*Historia Patria*—in «Kosmos»

(4) Joaquim M. de Macedo, *Historia do Brazil*, p. 22.

[5] Revista do Instituto Historico do Rio Grande do Norte, vol. 1^o, pag. 26.

navios, em que embarcaram dois filhos d'elle, velejando para as costas brazileas.

Sobreveiu-lhes, porem, insuccesso na derrota e deram á «Ilha das Vaccas», no Maranhão, fracassando a empreza por completo. (6)

Ao dominio da Corôa volveu a doação e por muito tempo desconhecida continuou; a traficancia dos francezes, já ahí aboletados no commercio com o gentio, é que fez mover-se a Metropole.

E ainda peor era a pirataria nos mares adjacentes, onde os francezes apprehendiam e saqueavam os navios que iam e vinham, escravizando os tripolantes para os venderem ao selvagem antropophago (7).

Tendo por fim obstar ditas depredações, conformes ao que lhe informaram as camaras de Pernambuco e Parahyba, cujos progressos soffriam muito com isso, por Cartas Regias de 9 de novembro de 1596 e 15 de março de 1597, mandou Sua Magestade, que, em protecção de seus subditos, o capitão-mór de Pernambuco, Manoel Mascarenhas Homem e o da Parahyba, Feliciano Coelho de Carvalho, sob os auspícios de D. Francisco de Souza, governador geral do Brazil, seguissem, sem demora, com forças de terra e mar, para o Rio Grande, de onde expulsariam os francezes, restabelecendo com a fundação de uma fortaleza e de

(6) Revista cit. ibidem.

(7) Frei Vicente do Salvador, Historia do Brazil, liv. 4^o.

uma povoação, o turbado dominio da Corôa Portugueza.

De facto, provendo se no Real Erario, de quanto careceu, Mascarenhas fez seguir para a Parahyba uma armada de seis navios e cinco caravellões e por terra viajou, levando ás suas ordens tres companhias de pé e uma de cavallo. Ali organisou a grande expedição, partindo na sua armada com o padre Gaspar de São João Peres, da Companhia de Jesus, engenheiro e architecto para traçar a fortaleza e mais o padre Diogo de Lemos e Frei Bernardino das Neves, entendido na lingua brazilica e respeitado dos potyguares, ao passo que demandavam por terra o mesmo ponto as companhias de pé e de cavallo e mais de 800 indios ao mando de Feliciano Coelho.

A 17 de Dezembro de 1597, (8) pôz-se em marcha a expedição das fronteiras da Parahyba, tendo á frente expias e corredores que batiam o matto e queimavam as aldeias, desimpedindo o passo. A variola, porém, dando nas forças de terra, fel-as retroceder, menos o capitão Jeronymo de Albuquerque, commandante de uma das companhias, que, tomando com a sua gente um caravellão, veio ter com a armada de Mascarenhas ás portas do Rio Grande.

Chegados que foram á fóz do Potengy, pelos fins de dezembro de 1597 (9), mandou

(8) Frei Vicente de Salvador, *Historia*.cit., publicada em 1627.

(9) Varnhagen, *Historia geral*, pag 394 e segs. diz que elles chegaram nos primeiros dias de 1598. O illustrado aucter dos *Capitães mdrés* refuta o com bons fundamentos.

Mascarenhas explorar o rio na manhã seguinte e á tarde entrando com a sua armada, deu desembarque, passando logo a entrincheirar-se num fortim, que fez de varas de mangue, para dar começo á Fortaleza e combater os potyguares, que, certo, os haveriam de investir.

Realmente, passados poucos dias, elles vieram «infinitos», comboiados por cincoenta francezes e travaram seria lucta, de que biteram em retirada, para depois voltarem, por miúdas vezes, em tremendas assuadas.

Seguiram-se longos dias de batalhas, angustias e necessidades para Mascarenhas e os seus homens, até que lhes chegaram do Reino munições de bocca e de guerra, bem como a nova de já estar Feliciano alojado na aldeia do Camarão, a uma légua do forte em construcção.

E Mascarenhas veiu logo ter com o recém-chegado, acertando o modo de concluirem aquella obra de El Rei, então ficando combinado que trabalharia cada um, com a sua gente, revesadamente, na construcção e na defeza contra o gentio que continuava a dar de fóra. E assim proseguiram os trabalhos para em pouco tempo concluirem se.

A nova Fortaleza, que se chamou dos *Trez Reis Magos* (10) por ter sido começada em 6 de janeiro de 1598, foi entregue por Mascarenhas ao seu primeiro capitão Jeronymo de Albuquerque, no dia 24 de junho desse anno.

(10) Varnhagen, loc. cit. ; Desembargador Luiz Fernandes na «Revista» do Instituto.

Bem provido de gente, munições e artilharia, deixou-o Mascarenhas e dahi partiu a dormir na taba de Poty, para com Feliciano, tornar aos lares e ao Governo Geral dar sciencia de seu feito.

Entretanto, repetiram-se a seguir as investidas do indigena, quer atacando os capitães na torna-viagem, quer arremettendo contra o forte, onde Jeronymo se defendia heroicamente, vencendo com galhardia. O qual após cogitou de entabolar as pazes com o gentio, por meio de uma traça «facilissima», que foi soltar o chefe Ilha Grande, da tribu dos potyguares, então preso no forte.

Bem instruido sahio da Fortaleza o bronco mensageiro da concordia ; chegando entre os seus, chamou os chefes Poty, Lorobabé e Pau Secco e annunciou-lhes a sua missão de amor. E tal foi a energia das razões com que se houve, que moveu os indigenas á páz desejada. (11)

Déra-se uma tregua á tremenda crise. Ao Governador Geral communicou se o occorrido e por ordem delle, as pazes foram solennemente ratificadas, na Parahyba, em 11 de junho de 1598, com a assistencia, além de outros, do capitão-mór Feliciano Coelho, dos officiaes da Câmara, Mascarenhas Homem, seu successor Alexandre de Moura e o padre Bernardino das Neves, que foi o interprete na cerimonia. (12)

(11) Frei Vicente, loc. cit. ; Frei Agostinho "Sanctuario Marianno", tomo 4.º, pag. 351 e segs.

(12) Auctores citados, ibidem.

FRUCTO DA PAZ : A CIDADE.—Surtira a traça o desejado effeito ; a inubia calou os tons guerreiros, assim como os tacapes e uruparás, brandidos dantes contra os brancos, tornaram-se desde logo o seu mais solido esteio e garantia.

Era uma victoria a mais dos portuguezes, que, de par com o selvicola, avançaram para o centro da terra, plantando onde passavam, a sementeira da civilisação.

Assim é que os subditos de Philippe de Castella, reinante em Portugal e seus domínios, segundo as ordens d'Elle, trataram entremetidos de fundar uma povoação, onde se pudesse fixar a gente natural ou adventicia alli estanceada.

Então os alicerces da futura Natal foram assentados, sem se saber ao certo o dia, entre os mezes de julho a dezembro de 1599.

«Como era para isso impropria, a porção de arrecife, ilhada em preamar em que estava o forte, segundo ainda hoje se pode vêr, escolheu para isso o primeiro chão elevado e firme, que se apresenta á margem direita do rio, obra de meia légoa acima da sua perigosa barra», (13)

Não obstante dizer o contrario Robert Southey (14), a actual praça André de Albuquerque, esse longinquo *chão elevado e firme*, recebeu as primeiras construcções, o esboço do que é hoje em dia.

(13) Varnhagen. *Historia Geral*, pag. 394 e segs.

(14) Robert Southey, *Historia do Brazil*, tomo 4º pag. 414 : ...“e destruida a villa não tardou a reerguer-se a alguma distancia em logar mais conveniente”...

Da matta uberrima que frondejava em torno, surgira a povoação : o campo outrora virgem cedêra o passo á urbs, que ia compôr-se dos residuos das aldeias ribeirinhas.

Comtudo, era assáz reduzido o numero de habitantes, como o de casas.

E ainda assim, não se fez esperar a necessidade de uma casa de oração, tal qual sempre acontecia nos logares conquistados pelos compatricios de Nuno Alvares.

De facto, e não custou muito a ser satisfeita a aspiração, levantando-se a capella que ia dar ensejo á religiosidade daquelles avoengos, apenas despertos da noite medieval.

A' incipiente povoação dos "Tres Reis Magos", como a baptisou o vulgo. (15) succedeu, dentro em pouco, a cidade de Natal, officialmente reconhecida como séde da nova capitania do Rio Grande.

Precisamente a 25 de dezembro de 1599, a celebração do sacrificio da Missa inaugurou a capellinha e marcou pela sua relevancia o início da existencia do novo corpo social, derivando, portanto, disso a sua actual denominação : Natal. (16)

(15) Frei Vicente, loc. cit. in fine ; *Livro que dá resão de E' taão ao Brazil*, Mappa do Rio Grande, 1662, pag. 36 ; Robert Southey, loc. cit.

(16) Varnhagen, ibidem ; Miliet de St. Adolphe, «Diccionario Geographico do Brazil», tomo 2, pags. 437, verbo -*Rio Grande do Norte* ; Pizarro—*Memórias*, tomo VIII, pag. 147 ; Rocha Paimbr, *Historia do Brazil*, vol. III, pag. 648, nota.

O desenb rgador Vicente de Lemos, no *Capitães-môres e Governadores* (1912) diz porem, que a 25 de dezembro Jeronymo de Albuquerque demarcou o sitio da cidade que por isso se denominou—Natal. (pag. 5)

Que melhor data poderia haver para lembrar semelhantes coisas e celebrar comvoscó a paschoa do nosso passado, talvez olvidado?

A MATRIZ: SEUS PERIODOS.—Hoje, pois, no 310º anniversario da Igreja Matriz de Natal, ouçamos os documentos e as tradições.

Para facilidade da narrativa, dividil-a-ei em quatro pericdos, como se destacam nestas chronicas :

O 1º periodo—a edade antiga —mostra a Matriz, da fundação até 1654, approximadamente quando a destruíram os hollandezes ; no 2º periodo, de então a 1672 ; o 3º periodo, de 1672 a 1694, quando se construiu o edificio actual e o 4º periodo —a edade contemporanea comprehendendo as modificações que tem experimentado, inclusive a torre para o relogio.

1º CYCLO :—Escorcemos a primeira edade na chronica da nossa Matriz.

E' certo que, com o capitão Jeronymo de Albuquerque ficára na Fortaleza, o padre Gaspar de São João Peres, seu architecto, a quem, é de crer, naturalmente deveram os natalenses a sua pequena casa de oração, inaugurada a 25 de dezembro de 1599.

Do mesmo modo que as moradias do logar, a Igreja ou a Capella tinha ligeira cons-

trução de barro e diminutas proporções : era apenas um ensaio de templo.

A Companhia de Jêsus, sonhando o universal dominio, atirava ás paragens mais remotas os seus intrepidados soldados : aqui mesmo, dois delles estacionavam em missão, de certo em certo tempo. (17) Mas, o povo aneciava por um pastor para as suas almas.

Em janeiro de 1606, aportou aqui João Rodrigues Collaço, nomeado capitão-mór de Fortaleza, pelo Governador Geral, com regimento e datas de terra que lhe deu Mascarenhas Homem, com elle vindo (18) : aliás, tambem chegou ao Rio Grande, o padre Gaspar Gonçalves da Rocha, o primeiro vigario de que ha noticia.

Ao dénodado levita que não temêra os selvagens potyguares, aprouve vir zelar aquellas almas para o Céu e cuidar dos uns tantos bens materiaes, a semelhança do velho cura de Guerra Junqueiro.

Melhorava a capellinha, onde celebrava os officios divinos ; mas, tambem trabalhando a terra, de que chegou a possuir oito datas de sesmaria, cultivava-as de roçarias e mantimentos, enquanto procurava adaptal-as ao plantio das cannas, sem se esquecer dos dizimos de sua Magestade, que pagava pontualmente. (19)

(17) *Livro que dá Resão de Estado ao Brazil*, loc. cit.

[18] Vêr Livro 1º de Registro de Cartas e provisões da Capitania do Rio Grande de 1639 em deante, existente no Instituto Histórico.

(19) Barão de Studart, *Documentos para a Historia do Brazil e do Ceará*, vol. 2º, pags. 119 e segs.

A Capitania compunha-se, nos primeiros dias do seculo 17^o, de umas deseseis aldeias de indios, algumas muito pequenas, mal governadas e inquietas, e 80 brancos: a sua capital accommodava pobremente vinte e cinco moradores, em geral, pescadores e roceiros (20). Basta dizer que se contava a dêdo os proprietarios do sitio da cidade. .

Tanto no governo de Collaço, como no de Jeronymo de Albuquerque, nada de anormal se deu em relação ao nosso assumpto, não acontecendo outra coisa no seguinte de Lourenço Peixoto Cirne, alem da constituição da apparelhagem politico-administrativa da Capitania, em 1611, pelo Governador Geral, D. Diogo de Menezes.

Mas, em fevereiro de 1614, sendo capitão-mór Castello Branco, occorreu um facto de importancia cujo traço ficou indelevel:— de ordem do Governo Geral, nas mãos de D. Gaspar de Souza, chegaram ao Rio Grande, Alexandre de Moura, capitão-mór de Pernambuco e o desembargador Manoel Pinto da Rocha, ouvidor geral do Estado do Brazil, com o fim de fazer a repartição das terras devolutas para serem povoadas e cultivadas por quem as pedisse, isso depois de registradas as que tivessem sido dadas por sesmaria.

E a verdade é que do Vigario Rocha fizeram informador e nas paredes da Igreja

(20) *Rasão de Estado do Brazil*, attribuido a Diogo de Campos Moreno, escripto em 1612 e cuja copia existe no Instituto Historico.

que não tinha portas, foi affixada a copia do edital que executava as ordens de repartição das terras. (21).

Eis o que era a capellinha que cinco annos depois foi ultimada, collocando-se uma lapide onde se lia —1619— (22), anno em que governava Ambrosio Machado. (23).

Nesse pé de simplicidade e pobreza que delatava o estado geral do povo da Capitania, vem encontral-a o brabantino Adriano Verdonck, emissario da Companhia das Indias Occidentaes. Em seu relatorio de 1650, dizia elle ao Conselho Politico do Brazil Hollandez :

«As pastagens são ali excellentes e os habitantes não tem outra riqueza, senão o gado, com que fazem muito dinheiro ; entretanto, a maioria do povo é ali miseravel, mal tendo de que viver ; pegam alli muito peixe, plantam grande quantidade de mandioca para fazer farinha e tumbem muito milho, o que tudo é trazido aqui para Pernambuco ; ha igualmente abundancia de caça e de fructas sylvestres”.

Havia então no territorio do Rio Grande cinco ou seis aldeias (24) de indigenas que juntos podiam contar de 750 a 800 archeiros, sendo a principal a de Moppebù ; existiam apenas dois engenhos fazendo pouco assucar ; a cidade de Natal constava de umas trinta e

[21] Barão de Studart—Documentos cits.

[22] Documento annexo n.º 11.

[23] Desembargador Vicente de Lemos, *Capitães mōres e Governadores*—1.º volume, pag. 12.

(24) Discorda da Resão de Estad., 1612.

cinco a quarenta casas de taipa cobertas de palha ; os moradores mais abastados viviam habitualmente nos seus sitios, vindo somente á cidade nos domingos e dias santificados para ouvir a missa ; a população branca era orçada de 120 a 130 homens, na maioria «lavradores ignorantes e grosseiros», dizia Verdonk. (25)

Veiu a conquista hollandeza ; a tropa victoriosa de Van Keulen implantou entre nós o seu dominio, no dia 12 de dezembro de 1633.

Uma trahição do tenente Sebastião Pinheiro Coelho rendeu aos hollandezes o forte dos Reis Magos (26), muito embora disso não compartilhasse o seu leal commandante e capitão-mór Pedro Mendes de Gouveia, doente dos ferimentos recebidos no assedio da Fortaleza (27).

Na tarde de domingo, 18 de dezembro do mesmo anno, o reverendo Johanna, (calvinista, provavelmente) da expedição conquistadora, deu graças a Deus pela victoria na predica que realisou na Igreja de Natal.

A dominação hollandeza foi assim um periodo de declinio para o catholicismo, aqui como nos outros pontos conquistados, chegando algumas vezes á feroz perseguição, aliás o que era commum naquelles tempos. (28)

(25) Dr. Alfredo de Carvalho, na *Revista do Instituto*, vol. 4, 1, pag. 121 ; sobre a *Conquista hollandeza*.

(26) Depois denominado Van Keulen, no nome do conquistador.

(27) Dr. Alfredo de Carvalho, *ibidem*.

(28) Anos depois, em 1645, o padre Ambrosio Francisco Ferro, receioso do indigena, refugiou-se no forte de Van Keulen; mas João Ballestrade, um dos tres do Conselho Supremo, ali che-

Quando a 1.^o de dezembro de 1640, o movimento restaurador desligou Portugal da Hespanha e dos Philippes e o duque de Bragança cingiu a fronte com a corôa lusa, sob o nome de D. João IV, precipitou-se a resistência contra os invasores e, como uma caudal, apanhou os innumerados afluentes, abrindo seu curso na rocha viva dos corações brazileiros.

E' nesse pugilato homérico que esplendem a ousadia e a heroicidade de André Vidal de Negreiros, de par com Fernandes Vieira, Felipe Camarão e Henrique Dias, a famosa trilogia representativa da formação ethnica nacional, conseguindo, após abalar até a medulla o nascente povo, a mais completa victoria, em 1654, com a capitulação da Campina do Taborda.

Os adeptos de Calvino, na hora terrivel da fuga, nem sequer pouparam a capellinha e os livros : reduziram tudo a cinzas e a destroços. (29)

Encerra-se o primeiro cyclo da nossa narrativa, com a destruição da Matriz pelos hollandezes.

2.^o CLYCO :—Entremos no segundo :

Cessára a convulsão ; havia damno e ruinas por toda a capitania. Era forçoso, resta-

gando, fello seguir com outros companheiros e entregar ao selvagem antropophago, no logar Urussú, onde foram todos sacrificados immediatamente. Dr. Augusto Tavares de Lyra—«Dominio hollandez no Brazil, especialmente no Rio Grande do Norte», pag. 75 e 76. Esta nota é recente e, por interessante, incluída aqui.

(29) Ver no anexo n.^o 2.

belecido o luso dominio, normalisar a vida na colonia.

Deteve-se, porem, a metropole em vista do interregno que estabelecera com a Hespanha ; e só mais tarde, cerca de 1659, lançou suas vistas para o Rio Grande, para onde veiu despachado capitão-mór o senhor de Antonio Vaz. (30)

Das proprias cinzas como a lendaria phenix, reergueu-se a povoação do Potegy, surgindo o casario de onde haviam campeado as tropas do principe de Nassau.

Não havia nem Igreja nem pastor.

Acostumados a um systema religioso, os natalenses pediam um vigario, mas a metropole, si bem desejando satisfazel-os, encontrou serias difficuldades, porque o gentio feróz a todos aterrorisava. (31).

Um sacerdote houve que o não temeu e aceitou a collação na freguesia da Apresentação, que outros haviam recusado : o padre Leonardo Tavares de Mello. (32).

Tumultuava a sociedade em reconstrução. Resoluto com os predestinados, esse vigario metteu mãos á seara do Senhor, cathequisando os indios de quatro aldeias e domi

(30) Livro n.º 1 das Cartas e Provisões «Capitães-môres» do Desembargador Vicente de Lemos, pags. 21 e segs.

(31) Documento anexo n.º 2.

(32) Do documento n.º 2, não consta o nome do vigario ; mas em 2 de janeiro de 1660, o padre Leonardo diz indese vigario de Natal, havia quatro annos, pediu ao capitão-mór Antonio Vaz, que aliás a concedeu, uma sesmaria na ilha Bon Successo, allegando tambem que requereu a vigararia de Natal, *motu proprio*. Vê doc. n.º 1 extrahido do Livro 1.º das Cartas e Provisões, de 1660 em diante, existente no Instituto.

nando o barbaro tapuya. (33) Accudia sollicito aos deveres do seu ministerio, «sem atalhar compridos caminhos» ; levantou, á sua custa, uma pequena capella e deu-lhe os objectos para o culto (34).

Tamanhos rasgos de operosidade e virtudes apostolicas valeram ao padre Leonardo tão fundas sympathias entre os parochianos, que, constando, certa vez, vir um outro vigario para substituil-o, o povo, por seu procurador na Camara e a seu petitorio, manifestou o desgosto que a nova lhe causára, impetrando do Rei a graça de conservar o pastor no seu rebanho, do mesmo modo que aos senhores Officiaes da Camara do Senado supplicavam não recebessem o vigario que de novo lhes vinha. (35)

Mas, attendidos ou não, passaram-se os annos.

A parochia sem o seu bemfeitor, teve a sua egrejinha de soffrer os effeitos do tempo que tudo destróe : a construcção ligeira desagregava-se, ameaçando desabar. Viria fatalmente a ruina.

Porque ella não comportava mais com a decencia do estylo os actos da Religião, manifestaram-se, em sua plenitude, os piedosos sentimentos daquelles avoengos.

Os habitantes da parochia, num surto de generoso zêlo christão, põem ao dispôr da Camara e do vigario Paulo da Costa Barros,

[33] e [34] Documento annexo n. 2.

[35] Documento annexo n. 2.

os recursos pecuniarios, ao seu alcance, para a construcção de uma Matriz. E ocioso é dizer que tal offerta foi gostosamente acceita. (36).

A Camara do Senado de Natal, vereando em Novembro de 1672, em presença do desembargador Manoel da Costa Palma e do então vigario Paulo e tomando na devida conta o estado da Igreja e do culto, nomeou, para angariar os donativos offercidos, a tres cidadãos probos, aos quaes foi remettida a relação dos promittentes : em Cunha o capitão Pedro da Costa Falheiros ; em Guarahyras (Arez), o sargento-mór Francisco Lopes em Potegy, e capitão Manoel da Cruz Soares (37). O vigario ficou encarregado da guarda do dinheiro e de dar inicio ás obras, por seu zêlo e verdade (38).

3.^o CYCLO: — Abre-se aqui a terceira idade: As tentativas precedentes anniquilou-as a propria insufficiencia ; mas, constituiram o preambulo de tentamen mais proficuo e perseverante.

Por diversas vezes havia sido abalado o solo potyguar e o seu seio pintalgado de sangue, já nas luctas da conquista, já nas da invasão hollandeza.

O inicio dos trabalhos da construcção fez-se por 1672 ; o zêlo do vigario, *pari-passu* da

(36) Documento annexo n. 3.

(37) Documento annexo n. 3 cit.

(38) Documento annexo n. 3 cit.

philantropia dos parochianos e da commissão agenciadora, assentou os fundamentos de um grande edificio, que pudesse resistir ao desdobrar das edades e dos acontecimentos.

Bastantemente nisso auxiliou o capitão Vaz Gondim, que não tardou a assumir a direcção dos serviços. (39)

Segundo o desejo de El Rei, logo depois de chegado, tratou elle sem demora do augmento da cidade e publicou em 1673 dois editaes em que ordenava que no praso de seis mezes, todos os moradores da Capitania viessem construir casas no sitio da Cidade, ao que não obêdecendo, incidiriam em pena de prisão e multa de dez cruzados para as obras da Matriz. (40) Uma egual punição foi prometida aos artifices de toda a especie, residentes na Capitania, que no praso estabelecido, não viessem se aboletar no sitio da cidade. (41)

E os trabalhos da Matriz tiveram grande andamento, á custa dos particulares e das multas impostas pelo Capitão-mór, em proveito das ditas obras.

Um anno adeante, escasseando os recursos, houve ameaça de pararem os serviços.

Mas, os seus encarregados não desfalleceram : a Camara e o capitão mór representaram promptamente á Sua Magestade, pedindo auxilio, ao que Elle, zeloso de seus deveres de catholico, dignou-se acudir-l-os, mandando

(39) Documento annexo n. 6.

(40) Documento annexo n. 4.

(41) Documento annexo n. 5.

ao Governador Geral que logo enviasse para o Rio Grande, um engenheiro incumbido de inspeccionar a Fortaleza e a Cidade, como principalmente de «vêr o estado das obras da Matriz, orçar as despezas para a sua conclusão e indagar tambem com quanto mais podia entrar o povo», cujos esforços o real Erario secundaria efficazmente. (42)

E sob a direcção do capitão-mór Antonio Vaz Gondim foram novamente atacados os trabalhos da Igreja, os quaes vieram a terminar em 1694, a expensas do Thesouro e do povo.

Na porta principal, foi collocada a pedra com o distico em baixo relevo, que ainda hoje se pode vêr, indicando o anno da sua conclusão.

Concluida a Matriz e, por certo, inaugurada nessa ultima decada do seculo desesete, encerra-se o terceiro periodo da nossa chronica, para abordarmos o quarto, ultimo e actual, onde vamos apreciar os successivos accrescimos e melhoramentos da nossa Igreja, attestado vivo das energias de um povo crente, nos dias por virem.

4^o CYCLO :—Tinha Natal uma Matriz ; era, entretanto, assáz inferior a decencia com que se fazia o culto, pela falta dos objectos do ritual. (43).

(42) Documento annexo n. 6.

(43) Documento annexo n. 7.

Em vereação de 7 de maio de 1699, a Camara representou ao Principe, como bom christão zeloso dos Templos de Deus, expondo-lhe a necessidade que o povo não podia supprir. (44)

E o Senhor daquem e dalem mar inclinou sua real vontade para attender aos justos reclamos, enviando os objectos carecidos e recommendando, por carta de 29 de agosto do mesmo anno, que o capitão-mór e o vigario lhe enviassem com todã a distincção uma memoria dos ornamentos, sua qualidade e tamanhos, porquanto sua intenção era que os santos officios se effectuassem como convinha a Deus e á veneração das Egrejas. (45)

A Matriz recebeu as alfaias e preparos, mas, como faltasse do rôl alguma coisa, nova petição se dirigiu ao Rei em junho de 1727, solicitando, alem de outros, um véu, uma custodia e um tumulo para o altar do Sacramento. Assim tambem, dita supplica foi deferida. (46)

Destarte satisfeitos em seus desejos, os potygianos dobraram o cabo do seculo 18º, promissor de melhores dias; não obstante até, as vespersas, os indios rebellados investirem as cidades e aldeias, em terriveis assuadas. (47).

A civilisação que vinha victoriosa do sul,

(44) Documento annexo n. 7.

(45) Documento annexo n. 8.

(46) Documento annexo n. 9.

(47) Apontamentos sobre a «Questão de limites», Drs. A Lyra e V. Lemos vol. 2º, pags 6 e 7. «Capitães mores e Governadores do Rio Grande do Norte, do Dr. V. Lemos 74 e segs.

Em vereação de 7 de maio de 1699, a Camara representou ao Principe, como bom christão zeloso dos Templos de Deus, expondo-lhe a necessidade que o povo não podia supprir. (44)

E o Senhor daquem e dalem mar inclinou sua real vontade para attender aos justos reclamos, enviando os objectos carecidos e recomprendendo, por carta de 29 de agosto do mesmo anno, que o capitão-mór e o vigario lhe enviassem com toda a distincção uma memoria dos ornamentos, sua qualidade e tamanhos, porquanto sua intenção era que os santos officios se effectuassem como convinha a Deus e á veneração das Egrejas. (45)

A Matriz recebeu as alfaias e preparos, mas, como faltasse do ról alguma coisa, nova petição se dirigiu ao Rei em junho de 1727, solicitando, alem de outros, um véu, uma custodia e um tumulo para o altar do Sacramento. Assim tambem, dita supplica foi deferida. (46)

Destarte satisfeitos em seus desejos, os potygianos dobraram o cabo do seculo 18º, promissor de melhores dias; não obstante até, as vespersas, os indios rebellados investirem as cidades e aldeias, em terriveis assuadas. (47).

A civilização que vinha victoriosa do sul,

(44) Documento anexo n. 7.

(45) Documento anexo n. 8.

(46) Documento anexo n. 9.

(47) Apontamentos sobre a «Questão de limites», Drs. A Lyra e V. Lemos vol. 2º, pag. 6 e 7. «Capitães mores e Governadores do Rio Grande do Norte, do Dr. V. Lemos. 74 e segs.

ao contrario da «luz que vem do norte», no dizer de um publicista francez, ia forçando o passo á barbarie e nas sebbes e campinas, a onde o selvicola tinha arranjado a tóca, já então se erguiam innumerados povoados.

Natal desdobrava-se ; augmentava o perimetro urbano e á matta devastada substituia o arruado. A Igreja assistia silenciosa esse desenvolvimento.

Mas, ella veio a exigir alguns reparos que foram emprehendidos em 1786, sob o governo de João Barbosa de Gouveia, de quando, é bem possivel, proveem as capellas lateraes do Sacramento e dos Passos, em cujas escavações, a esse tempo feitas, foi encontrada a pequena pedra de 1619 (48).

Talvez remonte a essa epoca o magestoso Cruzeiro que outróra defrontava a Matriz.

Com o decorrer dos tempos, o Cruzeiro experimentou diversas modificações constantes de um pedestal de alvenaria, um gradil de ferro e as entalhas para a exposição de reliquias do culto.

Do mesmo modo que as Igrejas de Santo Antonio e do Rosario, a Matriz serviu por muitos annos de cemiterio publico, sendo de notar, porem, que tempos depois nesta só eram sepultados os homens mais notaveis e nas outras duas os obscuros e os miseraveis.

O presidente da provincia, dr. Casemiro José de Moraes Sarmiento, em seu relatório

(48) Documento annexo n. 11.

de 1847, propunha á Assembléa a construcção de um cemiterio, para evitar que as Egrejas fossem focos de peste, dizia elle ; mas, temia os preconceitos do povo e a insufficiencia das rendas provinciaes, em prejuizo do seu desejo: (48 A)

E até 1856, quando, por motivo da epidemia do *cholera*, foi construido o Cemiterio do Alecrim, na presidencia do Dr. Antonio Bernado dos Passos, a Matriz recebeu, como a Mãe de cem de filhos, os despojos mortaes daquelles que, maiores ou pequenos, virtuosos ou reprobos, patriotas e covardes, tombávam na lucta pela vida.

André de Albuquerque, Doutor Cypriano Barata, Manoel Lisbôa (o Parrudo), Antonio José Leite de Pinho e tantos outros, ali jazem sepultados : uns delles, em logares conhecidos ; outros, como o valoroso coronel de milicias de 1817, confundem-se na turba dos ignorados, porque foram réos do crime hediondo de amar a Patria, talvez.

Retrocedamos, porem.

O seculo 19^o despertára ao tropel das hostes napoleonicas, atravez do velho continente.

O refugio de D. João VI, de saltares consequencias, levou-nos a partir os élos que nos jungiam á metropole, na jornada memoravel de 7 de setembro de 1822, para após sessenta e sete annos de vida monarchi-

de 1847, propunha á Assembléa a construção de um cemiterio, para evitar que as Egrejas fossem focos de peste, dizia elle ; mas, temia os preconceitos do povo e a insufficiencia das rendas provinciaes, em prejuizo do seu desejo: (48 A)

E até 1856, quando, por motivo da epidemia do *cholera*, foi construido o Cemiterio do Alecrim, na presidencia do Dr. Antonio Bernado dos Passos, a Matriz recebeu, como a Mãe de cem de filhos, os despojos mortaes daquelles que, maiores ou pequenos, virtuosos ou reprobos, patriotas e covardes, tombavam na lucta pela vida.

André de Albuquerque, Doutor Cypriano Barata, Manoel Lisbôa (o Parrudo), Antonio José Leite de Pinho e tantos outros, ali jazem sepultados : uns delles, em logares conhecidos ; outros, como o valoroso coronel de milicias de 1817, confundem-se na turba dos ignorados, porque foram réos do crime hediondo de amar a Patria, talvez.

Retrocedamos, porem.

O seculo 19^o despertára ao tropel das hostes napoleonicas, atravez do velho continente.

O refugio de D. João VI, de salutarres consequencias, levou-nos a partir os élos que nos jungiam á metropole, na jornada memoravel de 7 de setembro de 1822, para após sessenta e sete annos de vida monarchi-

ca, plantarmos no patrio sólo, a sagrada arvore da Democracia.

A revolução de 1817, em Pernambuco, estendera-se ao Rio Grande ; o coronel de milicias, André de Albuquerque Maranhão, senhor de Cunhaú e convisinhanças, adoptou-a com a convicção e o denodo dos fortes ; todavia, o reverso da fortuna frustou a tentativa, que soube afinal ao seu fidalgo sangue.

A Corôa de Bragança tornou a estes lares, instituindo-se uma junta provisoria de governo. Miguelinho e seus comparsas pagaram no Campo da Polvora a sua nobre e ousada idéa.

Restabeleceu-se a calma. E quando, annos depois, dirigia a provincia o fidalgo de Goyaz, D. Manoel de Assis Mascarenhas, voltaram-se as attenções para um factio original (49).

A 21 de dezembro de 1841, amanheceu aberia uma das portas da Matriz : fôra roubada uma lampada. A policia, dirigida pelo dr. Basilio Quaresma Torreão Junior pôz-se á cata do precioso objecto e dos astutos larápios, encontrando-os afinal.

A' sombra de um cajueiro estava enterrada a lampada, sendo presos dois individuos como auctores do delicto. (50)

—Por parecer adequada ás chronicas vertentes, esboçemos uma usança desse tempo : as procissões de penitencia.

[49] Documentos annexos ns. 12, 13 e 14

[50] Documentos citados acima

Oriundas de época ignorada, as procissões destinavam-se a purificar pelo martyrio as almas apodrecidas no peccado.

De 8 para 9 horas da noite, sinos dobrando lugubres a finados, organisava-se o cortejo na Matriz. As habitações deviam ter as portas cerradas, em signal de respeito á medonha cerimonia.

Punha-se em marcha a procissão : adiante um padre exorcisava, regougando psalms e ladainhas ; a multidão de creaturas de mortalha, cruciava sob as vergastas, as disciplinas e os cordões nodosos ou debaixo das grandes pedras trazidas á cabeça.

A flagellação das carnes era feita pelo proprio penitente ou simultaneamente pelos seus companheiros, uns nos outros. Alguns delles de tal modo se açoitavam que o sangue porejava ; outros, tombados por terra, na vehemencia do fanatismo, supplicavam que os pisassem e repisassem, afim de se purgarem dos horrorosos peccados.

E, ái daquelle que estivesse de portas abertas ! Certa vez, o capitão Antonio José de Moura, ajudante de ordens e lente de Geometria do Atheneu, estava ceiando com a familia, quando passava a procissão pela rua de sua residencia, onde é hoje o «Club Carlos Gomes». Como estivesse por descuido, aberta uma janella, os furiosos penitentes jogaram-lhe tantas pedras que arreventaram duas mangas de vidro de sobre os consólos... (51)

(51) Professor Joaquim Laurival Soares da Camara.

Oriundas de época ignorada, as procissões destinavam-se a purificar pelo martyrio as almas apodrecidas no peccado.

De 8 para 9 horas da noite, sinos dobrando lugubres a finados, organisava-se o cortejo na Matriz. As habitações deviam ter as portas cerradas, em signal de respeito á medonha cerimonia.

Punha-se em marcha a procissão : adiante um padre exorcisava, regougando psalmos e ladainhas ; a multidão de creaturas de mortalha, cruciava sob as vergastas, as disciplinas e os cordões nodosos ou debaixo das grandes pedras trazidas á cabeça.

A flagellação das carnes era feita pelo proprio penitente ou simultaneamente pelos seus companheiros, uns nos outros. Alguns delles de tal modo se açoitavam que o sangue porejava ; outros, tombados por terra, na vehemencia do fanatismo, supplicavam que os pisassem e repisassem, afim de se purgarem dos horrorosos peccados.

E, ái daquelle que estivesse de portas abertas ! Certa vez, o capitão Antonio José de Moura, ajudante de ordens e lente de Geometria do Atheneu, estava ceiando com a familia, quando passava a procissão pela rua de sua residencia, onde é hoje o «Club Carlos Gomes». Como estivesse por descuido, aberta uma janella, os furiosos penitentes jogaram-lhe tantas pedras que arrebentaram duas mangas de vidro de sobre os consólos... (51)

(51) Professor Joaquim Louvival Soares da Camara.

Oriundas de época ignorada, as procissões destinavam-se a purificar pelo martyrio as almas apodrecidas no peccado.

De 8 para 9 horas da noite, sinos dobrando lugubres a finados, organisava-se o cortejo na Matriz. As habitações deviam ter as portas cerradas, em signal de respeito á medonha cerimonia.

Punha-se em marcha a procissão : adiante um padre exorcisava, regougando psalmos e ladainhas ; a multidão de creaturas de mortalha, cruciava sob as vergastas, as disciplinas e os cordões nodosos ou debaixo das grandes pedras trazidas á cabeça.

A flagellação das carnes era feita pelo proprio penitente ou simultaneamente pelos seus companheiros, uns nos outros. Alguns delles de tal modo se açoitavam que o sangue porejava ; outros, tombados por terra, na vehemencia do fanatismo, supplicavam que os pisassem e repisassem, afim de se purgarem dos horrorosos peccados.

E, ái daquelle que estivesse de portas abertas ! Certa vez, o capitão Antonio José de Moura, ajudante de ordens e lente de Geometria do Atheneu, estava ceiado com a familia, quando passava a procissão pela rua de sua residencia, onde é hoje o «Club Carlos Gomes». Como estivesse por descuido, aberta uma janella, os furiosos penitentes jogaram-lhe tantas pedras que arrebutaram duas mangas de vidro de sobre os consólos... (51)

(51) Professor Joaquim Laurival Soares da Camara.

Suggestivo padrão desses tempos antigos !...

O estado da Matriz não era prospero. Durante um largo espaço de annos, ella precisou de reparos, e, porque eram deficientes as verbas, não podia a Presidencia attender ao appello dos parochos (52); não obstante o estado a que chegou de decadencia e de ruina (53) e (54), nada se conseguiu fazer em seu beneficio (55). Entretanto, era bem pronunciado o desenvolvimento do catholicismo na Provincia que contava em 1850, 21 freguesias (56), em data ulterior, attingindo a 30, (57) esse numero.

E' que um fecundo periodo de reformas devia abrir-se para a Matriz, na regencia do padre Bartholomeu da Rocha Fagundes, que por espaço de trinta e tres annos exerceu o sagrado ministerio nesta parochia.

O nosso templo, curvado ao peso de quase dois seculos, não prescindia de reparações, que começaram pela Capella-mór. Ali no alto do fôrro, o pincel de João Gregorio debuchou, num grande quadro, o mysterio da Apresen-

(52) D. Manoel de Assis Mascarenhas, Relatório de 7 de Setembro de 1840.

(53) André de Albuquerque Maranhão, Relatório de 1843.

(54) Dr. Casemiro José de Moraes Sarmento, idem, 1847. O presidente, Benvenuto Augusto de Magalhães Tacques, idem, 1849, nenhuma informação teve nem deu do estado das Matrizes.

(55) Dr. Luiz Barbosa da Silva, Relatório, 3 de maio 1867.

(56) João Carlos Wanderley, 1.º vice presidente, Relatório de 3 de maio de 1850.

(57) Pereira de Carvalho, idem, 1887.

tação da Virgem (58), no Templo de Belem.

Quando em 1859, novos concertos se fizeram necessarios, a Presidencia da Provincia, de ordem superior, promptificou-se a custeal-os, para isso organisando uma loteria especial e nomeando em commissão para administrar dito serviço o vigario Bartholomeu Fagundes, o tenente-coronel Bonifacio Francisco Pinheiro da Cpmara e o capitão Domingos Henrique de Oliveira, que sempre mereceram o melhor conceito. (59)

Remonta a essa epoca a torre que do alto domina e assignal-a na semàfora (60) a aproximação das náus que urdem entre as nações a traça complexa da concordia e da prosperidade, de longe devisando as "civilisações que passam cantando na tolda dos navios", (61), para offerecer lhes abrigo seguro nas aguas mansas do Potengy, engastado na verdura dos viçosos mangues.

É não vem fóra de proposito referir que a

(58) Isso informa o tenente-coronel Antiocho de Almeida, testemunha ocular do serviço; contesta o o capitão João Nepomuceno Seabra de Mello, dizendo que apenas foi retocado. Propendo para a primeira opinião, sem todavia confundir o quadro do tecto, com o primitivo quidró do altar, de que nos fala o auctor do Sanctuario Mariano.

(59) Quadro demonstrativo das Obras Publicas da Provincia, 1862, existente no Archivo da Secretaria do Governo. Documento annexo n. 23. A commissão foi nomeada em 1849, pelo presidente Benvenuto Tacques e a principio fazia parte della, em vez do 2º, o sr. Alexandre Thomaz Seabra de Mello. Docs. ns. 18 e 19.

[60] O telegrapho semaforico era collocado em frente do quartel militar e depois mudado para a Matriz. Documento annexo n. 37.

(61) Dr. Alberto Maranhão, oração do banquete de 25 de março de 1908.

torre da Matriz tivéra o seu alviçareiro, nomeado pela Presidencia. Quanta nóva de alegria como quanto informe magoado não terá dado esse pacato cidadão empoleirado, percebendo honestamente os seus 240\$000 mensaes ? (62)

Tinha meiado o seculo das luzes. A' iniciativa do Dr. Antonio Bernardo dos Passos, com o auxilio dos particulares, se deveu a aquisição de um relógio grande para regular o modesto viver provinciano. (63) Dahi derivou a necessidade de construir uma torre para a collocação do mesmo relógio.

A commissão encarregada da obra recebeu do Erario Provincial os meios para iniciá-la (64) em 1859, mas não teve ella um regular seguimento e cada vez que os recursos escasseavam, a obra parava. (65) Nos annos subsequentes, 1860 e 1861, sempre se trabalhou na Igreja e na torre, até que em 1862, exgottados os recursos particulares levantados pela commissão, sob alvitre do presidente José Bento (66) e não havendo fundos publicos, o novo presidente, Leão Vellozo mandou sustar o trabalho. (67)

Mas, o presidente da commissão contraveiu ao presidente da Província pedindo para continual-o, afim de não se perder quanto

[62] Documento annexo n. 39.

[63] Documento annexo n. 33.

[64] Documento annexo n. 16.

[65] Documentos annexos ns. 20 e 23.

[66] Documento annexo n. 24.

[67] Documento annexo n. 25.

estava feito, por força das chuvadas frequentes no mez de julho. (68)

Embora a carestia do material e da mão d'obra, (69) as considerações moveram o governo que contractou, em 1 de setembro de 1862, a conclusão do serviço da torre. (70)

Ao presidente Olyntho Meira informava mais tarde o engenheiro director das obras que, em virtude do contracto, o mestre pedreiro executára o resto da torre, assentando um mastro para o telegrapho no terrado que a remata, o seu revestimento exterior e da fachada principal, cujos fingidos foram feitos de cimento romano. (71)

Em dezembro do mesmo anno, novo contracto se fez para executar na Matriz os seguintes reparos : (72)

1^o Rebocar e cair a torre internamente e os corredores lateraes que tambem foram ladrilhados ; 2^o correr uma cornija e parapeito em torno de todo o edificio pela parte de fóra, de bom cimento feito o argeróz respectivo ; 3^o picar e rebocar novamente com cal e areia as paredes externas, dando-lhes demão de cal e rodapé : 4^o collocar sete canos em cada oitão ; 5^o construir um passeio com dez palmos de largura no patamar e oito nos arredores ; 6^o renovar todos os fingidos, pondo-

(68) Documento annexo n. 25.

(69) Documento annexo n. 22.

(70) Documento annexo n. 26.

(71) Documento annexo n. 39.

(72) Documento annexo n. 32.

os em harmonia com os da frente e 7^o rete-
lhar toda a coberta. (73)

Ainda em maio do anno seguinte, man-
dou-se fazer o rebocamento das paredes do
corpo da Igreja e da Capella-mór, dando-se-
lhes demão de gesso e fazendo uma cornija
interior a róda do templo. (74)

Tantos e tão avultados trabalhos termi-
naram em 1863, custando 18.596\$010 e del-
les sendo contractante o mestre Thimotheo
Gomes da Paz. (75)

Não foi alterada de uma linha sequer a
ossatura geral do edificio ; mas, desenvenci-
lharam-no de umas excrescencias sem esthe-
tica e sem precisão. (76) Foi assim que se de-
moliram duas ordens de catacumbas no cor-
redor do sul, fechada uma porta de quatro
degrãos que permittia entrada independente
para a antiga capella do Sacramento e con-
vertidos numa só as duas janellas do lado nor-
te da fachada, aonde tinham praça os velhos
sinos. (77).

E um novo e grande sino foi ali collocado
por deliberação do vigario e approvação da
presidencia, pela importancia de 801\$469 (78).

E o relógio então adquirido é o mesmo
que hoje vive em desaccordo com os conge-

(73) Documento annexo n. 36.

(74) Documento annexo n. 32.

(75) Relatorio. Documento annexo n. 34.

[76] Dr. Luiz Barbosa, 3—maio—1877, diz que o estado das
Matrizes é mau. (Relatorio).

(77) Informação do professor Joaquim Lourival.

(78) Documentos annexos ns. 31 e 33.

neres, na caduquice precoce de 50 janeiros apenas!

No terrado que termina a torre, foi assentado, por contracto com o governo geral, a estação do telegrapho optico, tal como ainda existe.

Era, portanto, vantajoso o estado da Matriz, com a execução completa dos trabalhos; o mesmo porem não se notava nos ornamentos cuja substituição se impunha. (79)

Mais tarde, em 1868, o vigario solicitava concertos no ladrilho e portas, caiamento e pintura, retelhamento e calçada á roda. (80)

A velha cruz de pau que encimava o frontespicio reconstruido, cedêra o lugar á bella e grande cruz de pedra da actualidade. (81)

Em 1871, foi assoalhada toda a Igreja com o pinho salvado de um naufragio. (82)

Parava nesse pé nossa Matriz, quando occorreram a substituição e a morte do vigario Bartholomeu e depois, de um interregno de provisórios (83), foi collado em 1881 na freguesia da Apresentação o padre João Maria Cavalcanti de Britto. (V. Relação annexa n. 36)

Desde annos já a Igreja se resentia de concertos, (84) e embora só dispuzesse de acanhados recursos levantados dentre o povo, o

(79) Documento annexo n. 35.

(80) Documento annexo n. 38.

(81) Informação de contemporaneos.

(82) Idem.

(83) Entre elles, os padres Joaquim Francisco de Vasconcellos e José Herminio da Silveira Borges que aliás não cuidava das precisões materiaes da Igreja. Doc. n. 41.

(84) Dr. Moreira Alves, Relatorio, 15 março 1886

saudoso vigário conseguiu realisar a pintura exterior e interiormente, e numa destas, ha cerca de quinze annos, foi apagado o grande quadro que João Gregorio pintára em 1841, na Capella-mór, que foi assáz modificada, em especial o altar e o chão ; forrar internamente toda a Egreja ; rasgar seis arcadas em baixo e as tribunas ; substituir por ladrilho o soalho que se estragára ; e os velhos pulpitos trocádos por dois outros novos e elegantes. (85) Debaixo do côro, foi levantado a expensas de uma devota o altar de Lourdes.

Já nos derradeiros tempos do parochiato de João Maria, fez-se a pintura externa e da torre, cuja cimalha foi alteada um metro. Então, elle já se preocupava menos com a Matriz do que com o rebanho, para quem tinha voltado todas as suas energias, na epidemia de variolas de 1905 : ali desenrolou-se á sombra da sua modestia, uma tocante epopéa de virtúdes christãs, emparelhando ao rasgo mais sublime a mais profunda indifferença do proprio individuo. E quando elle tombou inerte, nós todos vimos a sagração que de seus actos fez uma população em peso, ao descer da casinha do Monte, que fôra por alguns dias a méca de uma enorme romaria, o seu cadaver ainda quente para baixar dahi a horas, por entre milhares de soluços, á voragem sinistra do tumulo.

Sucedeu-o no governo da freguesia, du-

[85] Testemunha ocular do facto foi o auctor que era acolyto a esse tempo.

rante quatro mezes, o conego Francisco Severiano de Figueredo, que, por meio de uma subscrição entre os catholicos, conseguiu ladrilhar de mosaico nacional o corpo e do tijollo commum os corredores da Matriz.

Em fevereiro de 1906, aqui chegou o novo vigario encomendado, padre Moysés Ferreira do Nascimento, a quem se deve as condições precisas na Sé, que ha de ser em breve, do Bispado de Natal. (86)

Já na regencia desse vigario, em fevereiro de 1907, a necessidade de aformosear a praça André de Albuquerque, no governo do Dr. Augusto Tavares de Lyra, transplantou para outro lugar, o venerando cruzeiro. É agora dali do patamar da Igreja do Rosario, o vetusto madeiro enlaça carinhoso a cidade, a bahia e os montes, que em redor estadeiam, ao beijo macio das nossas brisas eternas.

Nem são pequenas as modificações que a Matriz tem experimentado. Convem destacar entre outras a reforma dos altares mór e lateraes, substituindo os velhos arcaboços de madeira por bellas construcções de alvenaria ; a abolição das escadas nos corredores para o côro ; a abertura de duas arcadas para as capellas dos Passos e Sagrada Familia, installação de luz acetylene e pintura interna.

(86) Isto disia em 1909 e não errava. Por decretos da nunciatura de 19 de outubro de 1910, foi creado o bispado, suffraganeo do arcebispado da Bahia, posteriormente passando ao de Olinda e presentemente ao da Parahyba; elevada á Cathedral a Igreja Matriz e nomeado Bispo, D. Joaquim Antonio de Almeida, então da Diocese do Piahy (ver docs. (42).

No altar-mór, para onde foi trasladada, destaca-se a urna de prata do S. S. Sacramento. (87)

A PADROEIRA : Manda a sinceridade afirmar que sobre alguns pontos não existe concordancia nos escriptores, nem uniformidade na tradição oral.

E' bem possivel que no meu espirito haja duvidas a respeito e que, si o digo, é movido pelo desejo de provocar uma contradicta e poder ser restabelecida a verdade historica.

Entre todas importante, surge a controversia em relação ao orago dos natalenses.

Contam que, a principio, a parochia era dedicada á Santa Quiteria : referiu-o o vigario João Maria e agora dá se lhe visos de verdade. (88)

Em desfavor dessa tradição disse Frei Agostinho de Santa Maria : (89)

...(conquistado o Rio Grande)... foi le-
“vantada uma parochia que se dedicou á Ra-
“inha dos Anjos, Maria Santissima com o ti-
“tulo de Apresentação, quando seus San-
“tissimos Paes, Joaquim e Anna, a foram
“offerecer no Templo, sendo de idade de

(87) O conego João Evangelista da Silva Castro, vigario em 1910, promoveu varios melhoramentos na Igreja, como fossem a completa pintura interna e externa, o ladrilhamento dos corredores e a adaptação do velho consistorio á residencia parochial.

(88) Conego F. Severiano, A Diocese da Parahyba, p. 88.

(89) «O Sanctuario Marianos», 1722, pags. 351 e segs.

“tres annos. Na cappella-mór, se collocou, pouco depois, um grande e formoso quadro de pintura, em que se vê o mesmo mysterio da Senhora historiado”.

Accresce, nas investigações procedidas, que a tradição é infirmada pelos documentos, num dos quaes se lê, em junho de 1660, esta declaração “Matriz de Nossa Senhora da Apresentação de Natal”. (90)

Embora não tendo sido a padroeira, existiu na Matriz, é verdade, um vulto de Santa Quitéria, talvez o primeiro ali venerado.

Pelo menos, o vigario Bartholomeu, referindo uma nota do vigario Dornellas, de 10 de março de 1799, certificava que aos cantos do altar lateral, existia um altar de Santa Quitéria. (91)

E certo é que deteriorando-se com o correr dos annos a ponto de tornar-se incapaz do culto, a referida imagem foi enterrada debaixo do Altar-mór, onde a encontraram excavações ulteriores, quando o vigario João Maria executava ali uns reparos. Não obstante estar muito mutilada, foi entregue ao cidadão José Joaquim Pereira do Lago, (92) em poder de cujos descendentes, é possível que ainda exista (93)

A MILAGROSA VINDA DA IMAGEM.—Diz-se

(90) Documento annexo sob n. 1, extrahido do Livro n. 1 do Registro de Cartas e Provisões de 1660 por deante.

(91) Livro de Pagamentos, pag. 22 v., no Instituto.

[92] Vulgo Joaquim Barcaça.

(93) Residem no Pará. Isso é informação do cidadão Alfredo Lago, am nuense do Superior Tribunal.

tambem que a actual imagem da Padroeira de Natal, aqui chegou casualmente aos 21 de novembro de certo anno do seculo 18^o.

Encontraram uns pescadores, no alto mar, um caixão fechado e conduzido á praia e aberto, nelle se encerrava uma perfeita imagem do Rosario, que, sob a invocação de Nossa Senhora da Apresentação é venerada no altar-mór da Matriz, por licença do ordinario olindense.

Garantiram-me pessoas de fé ter sido, ha annos, encontrado e lido no Archivo da Intendencia desta Cidade um documento que comprovava o providencial acontecimento(94).

Debalde, porem, agora procurei tal documento ou livro : encantou-se, parece. E a tradição não é desmentida : donde acceital-a eu, com reserva, pelo seu cunho sentimental.

Embora Gustave Le Bon dissesse que as tradições emergindo da mente humana, fazem a civilisação e devem ser destruidas para haver progresso, não encontro desdoiro em conservar uma como esta, que bem pode ser a synthese da verdade ou da rasão, a alma da nacionalidade.

O VALOR DOS MONUMENTOS : As civilisações perpetuam-se pelos seculos em fóra atravez dos monumentos que o seu genio levan-

(94) Capitão João Nepomuceno Seabra de Mello, contador do Thesouro e Alfredo Lago, já mencionados.

tou : os baixos relevos e as mumias, encontradas nas excavações, attestam a grandeza artistica dos egypcios, chaldeus e babilonios ; nas pyramides esplende o poder dos pharaós ; o Pantheon de Aggripa é o sagrado repositório das reliquias da antiga Roma ; em Westminster Abbey são guardados ciosamente os restos dos grandes filhos de Albion ; do mesmo modo que o nosso monumento do Ypiranga recórda o brado libertador do Principe Regente.

E, assim como esses monumentos que nos mostram o esplendor de civilisações desaparecidas e contemporaneas, a Egreja Matriz da Parochia de Natal é o centro de gravitação de todo um passado heroico, porque assistiu na religiosa mudez de seu destino, as convulsões guerreiras e as restaurações pacificas ; coetanea de Jeronymo de Albuquerque, destruiu-a a impenitencia dos soldados de Van Keulen ; e guardando os restos mortaes de André d'Albuquerque, sagrou ás benções da posteridade a figura altamente christã de João Maria : ella é a testemunha silente do desdobraimento civil da terra que habitamos, e, como baluarte de uma crença millenaria, a synthese das nossas tradições.

CONSAGRAÇÃO : Temos chegado ao termo da jornada.

Si o filho de Chronos, os pés sangrando das urzes do caminho, rompia tardia-

mente o passo pelas selvas multivias, è que elle, seguido da vossa bondade, nunca desmentida, sentia guial-o, como a estrella dos magos, o amor desta terra que aspiramos grande e forte.

Na tradicional Matriz de Natal, cujos traços historicos acabámos de vêr, duas personalidades eminentes se associam :

—André de Albuquerque, patriota e martyr, tornado entre nós o arauto de um principio novo, ali jaz sepultado ignoradamente ;

—João Maria, o inimitavel cura dalmas, que a administrou durante cinco lustros e a cuja memoria dedico o meu desvalioso trabalho.

A ambos, pois, num dia festivo, as nossas homenagens e o preito sincero desta commoração.

Natal, 25 de dezembro de 1909. (95)

(95) Acompanham 42 documentos e uma *Relação dos Sacerdotes*. Esta conferencia lida no «Natal Club», ha cinco annos, conserva a feição primitiva, mas, foi cuidadosamente revista e emendada pelo auctor.

A MATRIZ DE NATAL



RELAÇÃO CHRONOLOGIGA DOS VI-
GARIOS E COADJUCTORES

(ANNEXO)